

Os economistas e os planos econômicos

*2 DEZ 1996

B. SÁ

Deputado federal PSDB/PI

JORNAL DE BRASÍLIA

Com uma moeda praticamente estabilizada há mais de dois anos, após décadas de inflação que tiraram por completo a noção de valor do dinheiro, é notável a mudança nos hábitos da população em geral, notadamente no que diz respeito aos gastos indeclináveis do quotidiano. Volta o salutar costume da pechincha, da procura do preço menor e da qualidade da mercadoria. Ainda, em pesquisa recente, é evidenciado que os consumidores Já não dispensam o troco de moedinhos nas transações, reflexo direto, sem dúvida, da notável força do Real.

Por outro lado, palavras e expressões do jargão **economês** vão aos poucos se incorporando ao vocabulário do comum das pessoas, principalmente, é claro, daquelas que buscam mais informações não só nos noticiários de TV, como nos artigos dos jornais. Banda cambial, defasagem tarifária, déficit público, balança comercial, inflação inercial, ajuste fiscal, e tantas mais, são expressões que já não causam, como outrora, tanta estranheza. Isto, evidentemente, por conta da importância, na vida de cada um e do conjunto social em geral, dos fluxos e refluxos, das constâncias e inconstâncias, dos sobressaltos, enfim, dessa ciência ou arte, impregnada indelevelmente na nossa existência, que é a economia. É misteriosa, intrigante e tentadora a economia. E, parece-me, imprevisível, indomável, mesmo. Vai daí que as opiniões dos mais diferentes entendidos - "sorbonianos", "harvardianos", "cepalinos" - costuma ser díspares, raramente coincidentes.

Menos mal se esses conceitos divergentes, de cabeças tão aureoladas, ficasssem apenas na teoria; danado é quando eles são colocados em prática, na forma de planos econômicos supostamente infalíveis! Aí, sai de baixo, porque vem pançada, sem piedade, no lombo do sempre sofredor povão! É o que aconteceu com os planos cruzado, bresser, verão, feijão com arroz, e outros menos destacados, belas peças engendradas pelas economistas do dia, todos de alto coturno e reconhecido gabarito.

Planos apenas brilhantes na teoriização, mas incompetentes na prática, por sua incapacidade comprovada de solucionar os problemas básicos da economia brasileira, cuja cronicidade infelizmente resiste à demagogia, ao palavrório e às elocubrações baseadas em experiências alienígenas, transplantadas acriticamente para a realidade brasileira.

Planos que tiveram apenas a duração de rosas de Malherbe, pois elaborados em gabinetes alcatifados, onde a alta burocracia exerceia seus conhecimentos divorciados da sabedoria, inventa hipóteses e teses com que, experimentalmente, tenta solucionar os problemas do povo

brasileiro, que a elite não sente, nem deles se ressente. Planos que tiveram de ser jogados fora, no ralo da profunda frustração nacional.

Será lançado dentro de mais alguns dias, em São Paulo, um livro basicamente constituído por entrevistas realizadas com alguns dos grandes economistas brasileiros contemporâneos. À exceção de dois, os demais passaram pelos últimos governos em cargos dirigentes, diretamente ligados aos setores fazendário e de planejamento. Uma espécie de resumo do que será essa coletânea já foi publicado pelo jornal "Folha de São Paulo". Vale a pena ler a autocrítica des-

ses doutores que, de uma ou outra forma, por maior ou menor temo, estabeleceram as regras, as balizas de conduta da política econômica do Governo. Se nenhum se confessa arrependido por muitos dos erros cometidos, que repercutem ainda hoje na sociedade como um todo, também não perderam o velho hábito de criticar a "bola da vez", ou seja, os que estão presentemente na mesma função em que eles, outrora ou até há bem pouco tempo, estiveram.

Vale ressaltar os comentários de um dos decanos da Economia Brasileira, também entrevistado no livro, Celso Furtado: "Os problemas fundamentais da humanidade estão se complicando cada vez mais, como a destruição da natureza, o efeito estufa e a fome, que é o maior de todos. Não se vai resolver isso com os recursos da análise econômica". E acrescenta: "Os economistas se empavoraram, imaginando que são importantes".

Na vigência do "Plano Real", que alguns benefícios tem trazido, sobretudo às camadas mais pobres da população, quando deparamos com palavras de ordem, proferidas sobre matéria econômica, com ar de absoluta certeza, pelo que, neste instante, ditam a Política dessa área para o País, corre-nos um frio na espinha, de desconfiança e de medo.

Alguns até avançam prognósticos detalhados sobre o comportamento da economia brasileira, em futuro próximo, indo além de Nostradamus, pois a bola de cristal dos nossos preclaros economistas permite-lhes inclusive visualizar os números e os percentuais precisos, até a 2^a casa decimal do PIB nacional e do crescimento da economia tupiniquim, nos próximos seis anos. Trata-se, evidentemente, do que poderíamos chamar de economia astrológica, novo ramo dessa ciência consensual que, desprovida das certezas das ciências exatas, tem de ser aplicada, em benefício do povo e do País, com sabedoria, ponderação, humildade, espírito público e elevada dose de patriotismo.

**palavras e
expressões do
economês
vão, aos poucos,
se incorporando
ao vocabulário
comum dos
brasileiros**